

Gabriele Fersili, *Guida alle “Confessioni” di Agostino*, (Il pozzo), Ed. Ancora, Milão 2011, 176 pp.; ISBN 978-8851408718.

Guida alle “Confessioni” di Agostino é já o quarto livro de Gabriele Fersili a vir a lume pela editora Ancora. Depois de *Solo, davanti a te* (2006), de *Insieme sui sentieri della carità* (2007) e de *I salmi delle Lodi pregati con Sant’Agostino* (2009), o autor apresenta agora um livro sobre as *Confessiones*.

Mantém-se o estilo expositivo das obras anteriores: uniforme, esquemático e claro. Este modelo é tanto mais importante num texto que, no dizer do próprio autor, não pretende apresentar «una introduzione alle *Confessioni* ma, imaginando di stare accanto a chi per la prima volta ha tra le mani questo volume, [...] offrire alcune indicazioni pratiche per aiutarlo a leggere e a gustare direttamente la sua perene freschezza e attualità» (p. 7).

O livro tem como fito, portanto, ajudar quem se acerca de Agostinho pela primeira vez. Na consecução de tal intento, são, sem dúvida, oportunas as primeiras páginas, em que se introduz: 1) o próprio Agostinho (o homem, o converso, o religioso, o místico); 2) as *Confessiones*; 3) e o que o seu autor delas disse noutras obras. Depois da introdução, a uniformidade expositiva acima referida é quase total. Gabrielle Fersili segue um estilo esquemático e prima pela clareza. Estudando os treze livros das *Confessiones*, um a um, começa sempre por uma visão de conjunto, na qual aponta os temas fundamentais de cada livro. Indica, depois, os acontecimentos narrados e, por último, faz uma leitura dos mesmos. Em alguns capítulos, produz ainda uma reflexão introdutória.

As partes relativas à leitura dos acontecimentos narrados merecem particular destaque. Nestas, as *Confessiones* vão sendo apresentadas como *exemplum*. Quer dizer, vai-se percebendo, a partir delas, que o livro de Agostinho excede o âmbito do mero relato de acontecimentos pessoais, para ser apropriado pelo Homem enquanto tal. Não está já em causa apenas um homem particular, mas sim aquilo que se poderia designar como o “universal humano”. É certo que o autor não pretende avançar senão com indicações práticas sobre o livro – e, por isso, não leva este particular até ao seu termo. Mas não deixa de ser verdade que as contínuas aplicações dos ditos de Agostinho ao contexto atual

querem mostrar que as *Confessiones* são, não um mero texto de alguém que viveu no passado, mas sim um texto sobre o que constitui efetivamente “o Humano no Homem”. Isso o mostra também a breve conclusão da obra, em que Gabriele Fersili pretende dar a ver a mensagem das *Confessiones*, não apenas como uma mensagem pessoal, mas também (e principalmente) como uma mensagem de alcance universal.

Como se disse, a obra pretende avançar com indicações práticas para quem está a começar. Por conseguinte, não deixa de causar espanto, à primeira vista, o facto de o autor não introduzir uma bibliografia. Parece faltar a indicação de um conjunto de obras introdutórias, para o leitor prosseguir o seu estudo. Mas, se não se está em erro, este facto não é involuntário. Por um lado, a bibliografia é substituída por um índice analítico relativamente detalhado. Por outro – e mais importante ainda –, dá a impressão que, depois das indicações práticas por ele avançadas, Gabriele Fersili quer conduzir o leitor ao texto mesmo das *Confessiones*. Porque, em última análise, só aí o leitor pode julgar na sua sede própria: a do seu próprio existir enquanto tal. E, aí, pensar. Na companhia de Agostinho.

Diogo Morais Barbosa
Instituto Linguagem, Interpretação e Filosofia
Universidade de Coimbra